

Educação Especial: o Encontro com Godot



Organizadores
Sadao Omote
Leonardo Santos Amâncio Cabral

Educação Especial: o Encontro com Godot

Volume 9

1ª Edição

São Carlos / SP

Editora De Castro

EDESP-UFSCar

2023

Copyright © 2023 de Sadao Omote e Leonardo Santos Amâncio Cabral

Editora De Castro

Editor: Carlos Henrique C. Gonçalves

Conselho Editorial:

Alonso Bezerra de Carvalho – Unesp
Antenor Antonio Gonçalves Filho – Unesp
Bruna Pinotti Garcia Oliveira – UFG
Célia Regina Delácio Fernandes – UFGD
Cláudia Starling Bosco – UFMG / FaE
Felipe Ferreira Vander Velden – UFSCar
Fernando de Brito Alves – UENP
Flávio Leonel Abreu da Silveira – UFPA
Heloisa Helena Siqueira Correia – UNIR
Hugo Leonardo Pereira Rufino – IFTM
Jáima Pinheiro de Oliveira – UFMG / FAE
Jucelia Linhares Granemann – UFGS
Layanna Giordana Bernardo Lima – UFT
Lucas Farinelli Pantaleão – UFU
Luciana Salazar Sagado – UFSCar / LABEPPE
Luís Carlos Paschoarelli – Unesp / Faac
Luzia Sigoli Fernandes Costa – UFSCar
Marcia Machado de Lima – UNIR
Marcio Augusto Tamashiro – IFTO
Marcus Vinícius Xavier de Oliveira – UNIR
Mauro Machado Vieira – UFU
Oswaldo Copertino Duarte – UNIR
Zulma Viviana Lenarduzzi – UNER / Argentina

EDESP – Editora de Educação e Acessibilidade da UFSCar

Diretor: Nassim Chamel Elias

Editores Executivos

Adriana Garcia Gonçalves
Clarissa Bengtson
Douglas Pino
Rosimeire Maria Orlando

Conselho Editorial

Adriana Garcia Gonçalves – UFSCar
Carolina Severino Lopes da Costa – UFSCar
Clarissa Bengtson – UFSCar
Christianne Thatiana Ramos de Souza – UFPA
Cristina Broglia Feitosa de Lacerda – UFSCar
Cristina Cinto Araújo Pedroso – USP
Gerusa Ferreira Lourenço – UFSCar
Jacylene Melo de Oliveira Araújo – UFRN
Jáima Pinheiro de Oliveira – UFMG
Juliane Ap. De Paula Perez Campos – UFSCar
Marcia Duarte Galvani – UFSCar
Maria Josep Jarque – Universidad de Barcelona
Mariana Cristina Pedrino – UFSCar

Nassim Chamel Elias – UFSCar / Presidente
Otávio Santos Costa – UFMA
Rosimeire Maria Orlando – UFSCar
Valéria Peres Asnis – UFU
Vanessa Cristina Paulino – UFSM
Vanessa Regina de Oliveira Martins – UFSCar

UFSCar

Reitoria

Ana Beatriz de Oliveira

Vice-reitoria

Maria de Jesus Dutra dos Reis

Apoio

Esta publicação foi financiada com o apoio da:

- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – CAPES/PROEX nº do Processo: 23038.006212/2019-97.

Projeto gráfico: Carlos Henrique C. Gonçalves

Capa: Francielle Cristina de Paula

Preparação e revisão de textos/normalizações (ABNT):

Paula Sayuri Yanagiwara

E21	Educação especial: o encontro com Godot / organizadores: Sadao Omote, Leonardo Santos Amâncio Cabral. — Documento eletrônico. — São Carlos: De Castro: EDESP-UFSCar, 2023. 190 p.
	ISBN: 978-65-89874-73-7
	1. Educação especial. 2. Biografia. 3. História de vida. I. Título.
	CDD: 371.90 (20º)

Ficha catalográfica elaborada na Biblioteca Comunitária da UFSCar
Bibliotecário responsável: Arildo Martins - CRB/8 7180

DOI: 10.46383/isbn.978-65-89874-73-7

Todos os direitos desta edição foram reservados a Sadao Omote e Leonardo Santos Amâncio Cabral. A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610/1998).

Editora De Castro

contato@editoradecastro.com.br
editoradecastro.com.br



EDESP – Editora de Educação e Acessibilidade da UFSCar
www.edesp.ufscar.br



AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), pelo apoio financeiro.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação Especial (PPGEEs), por oferecer condições para a realização deste trabalho.



*"Com vontade e esforço,
um caminho sempre pode
ser encontrado"*

Link Externo: Música >>

Sumário

Apresentação da coleção	11
Trajetória autobiográfica	16
Prefácio	25
Introdução	32
Os 25 anos de PPGEs e a Educação Especial	36
Quatro décadas de Educação Especial no estado de São Paulo	42
Educação Especial na Universidade Estadual Paulista, campus de Marília: uma história a ser contada, e lembrada	60
A historiografia das produções em periódicos de Sadao Omote	72
Caminhando com Dibs: uma trajetória de construção de conceitos em Educação Especial	95
“A matrícula compulsória de deficientes nas escolas da rede estadual é uma invejável experiência”	110
Alunos perguntam e Sadao Omote responde	116
Do Centro de Orientação Educacional ao Centro de Estudos da Educação e da Saúde: em busca de maioria acadêmica e administrativa	120
As marcas da persistência, do caráter inovador e da resistência da Habilitação em Educação Especial do Curso de Pedagogia da Unesp-Marília	126
As conquistas e os novos desafios dos cursos de Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Unesp-Marília	131
Itinerary of a migrant identity	136

Encontros com Sadao e a potente poética das singelas relações .. 143

Apêndice 1 159

Apêndice 2 189

Apresentação da coleção

A Coleção Sadao Omote prenuncia supostos literários e conceituais que delineiam uma longeva trajetória acadêmica a qual se confunde com a própria história e consolidação do campo da Educação Especial no Brasil.

Portanto, apresentar a coletânea de textos do Professor é uma complexa empreitada que, particularmente a nós, integrantes de uma geração recente de pesquisadores desse campo de conhecimento, nos recobre de majorada, mas satisfatória, responsabilidade.

Os diálogos síncronos e assíncronos com o Professor Sadao Omote e as leituras de seus escritos, alguns sequer publicados e que agora compõem esta obra, possibilitaram-nos acessar riquíssimos elementos históricos, culturais, sociais, científicos, metodológicos, etimológicos e epistemológicos.

Os textos do Professor Sadao Omote remetem-nos a uma atmosfera histórica em que os movimentos sociais identitários que se fortaleceram a partir da década de 1960 e os pressupostos do *Independent Living Movement*, nos Estados Unidos, e da *Union of the Physically Impaired Against Segregation*, na Grã-Bretanha, na década de 1970, colocaram em xeque as noções ordinárias e cotidianas de deficiência.

Naquele período, as limitações derivativas de déficits ou limitações biológicas das pessoas tidas como excepcionais, desviantes, divergentes, loucos, insanos, anormais, inadaptáveis, alunos-problema, alunos-lentos, dentre outros termos que atualmente são pejorativos, passaram a ser questionadas e compreendidas com base nos produtos históricos, culturais e contextuais.

Essa mudança de perspectiva e seu suposto gnosiológico exerceram profunda pressão política nas arenas responsáveis pela construção de políticas públicas em escala internacional. Ainda que não congruente *ipsis litteris* ao propalado pelos teóricos do modelo social, a assunção via normativas dessa postura pela Organização das Nações Unidas, pela Organização Mundial da Saúde, pelo Banco Mundial e pela Organização Internacional do Trabalho, sobretudo a partir da década de 1980, representava um avanço quanto ao conceito anteriormente expresso.

Tudo o que era sólido sobre a ideia da deficiência se desmanchava no ar após o desenvolvimento do campo de uma crítica acadêmica e social nominada como *Disability Studies* ou modelo social da deficiência.

É naquele contexto, no início dos anos de 1980, época de grandes transformações no entendimento da categoria deficiência e, por conseguinte, do

campo da Educação Especial, que os primeiros trabalhos do Professor Sadao Omote se desenvolvem. A inter-relação sujeito e contexto já estava presente em suas obras e era tida pelo por ele como pedra angular da compreensão da categoria deficiência.

Assim, o resgate histórico-bibliográfico representado pela própria produção acadêmico-científica do Professor Sadao Omote possibilita compreendermos seu pioneirismo, em terras tupiniquins, na apresentação das ideias propaladas por essa vertente que colocou de cabeça para baixo tudo o que anteriormente havia sido dito sobre deficiência.

Cumprir destacar, entretanto, que a imersão nas abordagens sociais da deficiência não implicou, na trajetória e nos textos do professor Sadao Omote, apagar ou secundarizar o campo biológico. Muito pelo contrário. O fio de Ariadne de Omote está em tencionar dialeticamente os campos culturais e naturais sem a produção de intersecção entre eles. A trajetória do autor e a consideração do fenômeno da deficiência como dialético e permeado pela junção de compostos que envolvem esferas históricas e naturais devem ser consideradas contemporâneas. Não por acaso, uma das frases que mais aparecem no texto do autor é tomada de empréstimo de Dobzhansky: “o homem é naturalmente cultural e culturalmente biológico”.

O texto mimeografado “Deficiência como fenômeno socialmente construído”, que é apresentado de maneira original nesta coleção, data de 1980 e jamais fora publicado. Nele, percebemos de maneira inaugural, principalmente sob influência da perspectiva interacionista de Erving Goffman, Howard Becker e William Thomas, apontamentos que se tornariam posteriormente apropriados por diversos autores do campo da Educação Especial e na configuração dos espaços escolares, das relações pedagógicas, sociais e histórico-culturais.

É a partir desse universo complexo e multifacetado que Omote trama seus conceitos e estabelece, ao longo de sua carreira acadêmica, entendimentos sobre abordagem social da deficiência, beleza, questões estéticas, atratividade, família, inclusão, formação docente, ética e pesquisa, ensino, concepções de deficiência, dentre outros enfoques. Evidentemente, a distinção temática aqui apresentada, como qualquer processo de separação, é arbitrária e comporta categorias que não abrangem a totalidade das proposições aventadas. Contudo, além de exercício didático que permite sintetizar uma longa narrativa, tal divisão materializa a ampla gama de conteúdos trabalhados e a dimensão do conjunto de produções acadêmicas.

O exercício de apresentar brevemente a Coleção Sadao Omote fez-nos compreender que o atual cenário acadêmico-científico, contaminado pela lógica produtivista e mergulhado em uma cultura de acesso rápido a “informações”, tem corroborado o enfraquecimento, a distorção e a descon-

sideração de elementos fundantes do conhecimento. Ainda, frequentemente identificamos periódicos científicos que desestimulam pesquisadores a referenciar, em seus manuscritos, publicações datadas há mais de uma década, conotando que o conhecimento “não recente” pode ser desconsiderado na ciência. Mais do que isso: corre-se o risco de o pseudoinditismo de conhecimentos ser legitimado pelas comunidades acadêmico-científicas.

Nesse contexto, a Coleção Sadao Omote tem como propósito possibilitar aos diversos atores sociais, tais como as pessoas com deficiências, famílias, estudantes, profissionais das mais diversas áreas de atuação e gestores, o acesso aos textos originais do Professor, sob sua própria curadoria contextualizada e comentada.

Atualmente, transita uma inquietante expressão popular-mercadológica: “não julgue um livro com base em sua capa”. Em sentido contrário a essa lógica, a Coleção Sadao Omote teve o intuito de resgatar os possíveis sentidos relacionais entre componentes que constituem a capa, a quarta-capa, a folha de rosto, o conteúdo e, também, a inter-relação de seus volumes.

Assim, a obra completa está representada não estritamente por produções acadêmicas, mas por elementos simbólicos, textuais e audiovisuais que, desde a infância do professor Sadao Omote, constituem sentidos significativos em sua vida pessoal e profissional.

Leitores um pouco mais curiosos poderão acessar a poética da coleção por meio da relação entre outros elementos:

a) o título de cada volume e a respectiva imagem da capa, em seu conjunto, remetem não apenas ao tema em si, mas a atravessamentos que perpassaram a subjetividade do autor durante suas vivências, reflexões, estudos, diálogos e pesquisas sobre determinados assuntos;

b) a folha de rosto possui *tsurus* em quantidade correspondente ao número do volume, pendurados em uma árvore seca ao lado esquerdo de frases ditas pelo professor Sadao;

c) ao clicar sobre essa frase, o leitor poderá acessar uma música cuidadosamente selecionada pelo professor, portando-o a uma atmosfera sonora (com legendas) e convidando-o a transcender o conteúdo visual e textual do volume por meio da aproximação de outros significados não claramente expressos, relacionados ao tema do volume e à biografia do professor;

d) a obra foi constituída, ainda, na perspectiva da acessibilidade, sua versão digital é disponível em formato que possibilita a usuários de softwares leitores de tela acessar o conteúdo textual e imagético;

e) em comum acordo com as editoras e periódicos, a Coleção Sadao Omote garante, na primeira página de cada capítulo, a indicação das referências completas do texto, com hiperlink. Assim, sempre que disponível, os leitores poderão acessar o arquivo com o texto original.

Cumprе destacar que nem a sequência dos capítulos de cada volume, nem a dos volumes que compõem a coleção obedeceram à cronologia. Dentro de todo esse simbolismo, buscou-se representar a própria biografia do professor Sadao Omote, que se reconhece com três identidades as quais convivem, se complementam e coexistem solidariamente: a identidade brasileira (civil, por ter nascido no Brasil); a identidade brasileira-nipônica (social, em que as pessoas o percebem como brasileiro, porém com influência da cultura japonesa); e a identidade nipo-brasileira (pessoal, quando está consigo mesmo, reconhece-se como japonês, com influência da cultura brasileira).

Assim, é sobre esse caminhar absolutamente histórico que os leitores percorrerão nas páginas desta coleção, a qual condensa produções de um autor que muito contribuiu para a história dos estudos sobre deficiência em terras tupiniquins. Esperamos que a ideia primeva se popularize, abrace outros autores e se torne uma coletânea do pensamento em Educação Especial no Brasil.

Leonardo Santos Amâncio Cabral

Gustavo Martins Piccolo

Trajatória autobiográfica

A Coleção Sadao Omote foi concebida pelo Professor Leonardo Santos Amâncio Cabral, visando a descrever a trajetória da vida acadêmica de um pesquisador da área de Educação Especial por meio da sua produção bibliográfica. Cada um dos volumes tem um propósito específico, cuja composição foi orientada pela concepção de um recorte possível dessa trajetória. Não há nem norte cronológico nem um agrupamento temático rigorosamente definido pelo conteúdo de cada texto, uma vez que a produção bibliográfica de um autor não segue necessariamente uma lógica linear previamente definida, mas transcorre um pouco ao sabor das demandas e oportunidades.

Este conjunto foi organizado buscando destacar alguns momentos do longo percurso bibliográfico percorrido pelo autor. Compreende textos das últimas quatro décadas, o que não representa a conclusão da construção apontada no título do Volume 1 – Trajetória de Construção de uma Abordagem Social das Deficiências –, como se verá, direta ou indiretamente, nos volumes seguintes da Coleção. É um processo contínuo, permanentemente inacabado, tanto porque a realidade a que se refere se modifica quanto porque a própria visão e compreensão do autor não se findam enquanto viver.

Para introduzir o leitor nessa trajetória, é conveniente descrever brevemente o cenário no qual emergiram as primeiras inquietações relativas à temática abordada na Coleção. É um ponto de partida, dentre tantos outros remotos,¹ para dar início à caminhada. Esse cenário essencialmente não se modificou no decorrer de todo o percurso, exceto os nomes, os locais e os personagens. O leitor identificará, ao longo dos volumes que compõem a Coleção, um denominador comum que vai se revelando paulatinamente.²

A origem mais próxima e mais explicitamente relacionada à trajetória apontada no título do Volume 1 pode ser localizada no início do ano de 1974, quando apareceu a mim o desafio de “tirar a fralda”³ de meninos e meninas com deficiência mental severa e profunda, já na puberdade e início da adolescência, atendidos em uma instituição filantrópica. Com

1 Esses outros possíveis pontos de partida mais remotos o leitor certamente identificará em alguns dos textos dos próximos volumes.

2 Esse denominador comum só irá se revelar na extensão em que o leitor se desvencilhar das armadilhas hoje tão presentes, relativas à terminologia considerada atual e adequada e aos pontos de vista considerados politicamente corretos. Enfim, como costume dizer, “é preciso interpretar o cerne da mensagem da peça sem impressionar-se com a coreografia com que ela é representada”.

3 Assim era referido o treino de *toilette* ou de controle esfinteriano realizado com indivíduos com incontinência vesical.

base na literatura predominante nesta questão, foi elaborado um detalhado programa de treinamento, com base nos princípios de condicionamento operante e clássico.

Seguindo a recomendação de praxe nesse tipo de treinamento, ao iniciar o programa com os jovens incontinentes, algum adulto da família – mães e apenas um pai – passou a ser orientado em grupo, para que continuasse o treinamento em casa.⁴ Os familiares estavam, de um modo geral, muito animados com a perspectiva de finalmente conseguir “tirar a fralda” do menino ou da menina e continuavam o procedimento de treino com afinco em casa e entusiasmavam-se com pequenos progressos.

Uma das mães reagiu de modo inesperado e inicialmente incompreensível. Todas as semanas comparecia à instituição, no horário da reunião, porém, não entrava na sala de atendimento junto aos outros. Permanecia na sala de espera até o encerramento da sessão de uma hora e meia para, daí, entrar na sala de atendimento querendo conversar comigo.⁵ Como estava muito interessado em que ela compreendesse todo o procedimento para dar continuidade ao treino em casa, a atendia individualmente após o encerramento da sessão do grupo. Constantemente, ela me interrompia, enquanto tentava lhe explicar o que estava sendo feito e como o seu filho estava reagindo, para fazer queixas como “ninguém me ajuda em casa”, “estou velha demais para continuar cuidando do A”,⁶ “dói aqui, dói acolá, e não consigo mais dar banho nele”, e assim por diante.

Confesso sinceramente que ficava aborrecido com o que me parecia desinteresse da parte dela com relação à possível independência do filho. Na tentativa de compreender como lidar com a situação, mergulhei na biblioteca do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, onde havia feito o curso de graduação, e comecei a pesquisar sobre família de deficientes mentais. Encontrei um filão que não imaginava existir. Comecei a estudar textos, muitos deles já antigos, que descreviam e discutiam as reações apresentadas por familiares, em especial as mães, de deficientes mentais. Tais reações não se referiam estritamente à condição objetiva de ter um filho que requer atenção e cuidados especiais nem ao fato concreto e cotidiano de desgastes físicos adicionais ocasionados por tais cuidados.

É fácil imaginar o significado que, 60 ou 70 anos atrás, tinha para a maioria das mulheres a condição de se tornarem mães. E ser uma “boa mãe” certamente não incluía a possibilidade de gerar um filho deficiente. Somem-

4 A instituição funcionava em regime de semi-internato, em que a clientela permanecia o dia inteiro nela durante os dias da semana, retornando ao respectivo lar à noite e nos finais de semana.

5 Como se trata de experiências muito pessoais, sempre que me sentir mais confortável, usarei a primeira pessoa do singular, um expediente de que tenho lançado mão nos últimos tempos.

6 “A” era o filho de 14 anos com deficiência mental profunda, conforme diagnóstico constante do prontuário.

-se a isso as inúmeras avaliações depreciativas que recaíam sobre as mães de crianças deficientes, como também certo isolamento social que muitas delas sofriam dentro da sua própria família estendida. Mais tarde, compreendi que essas mães – também, talvez em menor intensidade, os pais e irmãos – sofriam do que Goffman (1975) descreveu como estigma de cortesia.

Compreendi, finalmente, que, com esse quadro, o atendimento às mães não poderia se limitar estritamente ao treinamento e à orientação para lidar com diferentes dificuldades apresentadas pela criança deficiente mental. Já em 1956, Kanner escreveu, no seu artigo intitulado *Parent Counseling*, que qualquer atendimento ao deficiente mental, para ser completo, precisaria levar em consideração os envolvimento emocionais dos pais, os quais seriam as pessoas mais interessadas no problema e deveriam ser preparadas para serem participantes efetivos no tratamento destinado ao deficiente. Assim, segundo Kanner, o aconselhamento parental precisaria ser parte integrante de qualquer atendimento à criança ou jovem com deficiência mental.⁷

Compreendi que a reação dessas famílias não era ocasionada unicamente pela condição clínica objetiva de deficiência ou algum grave acontecimento. Em vez disso, toda a significação social da deficiência e o lugar reservado a pessoas com deficiência na respectiva sociedade tinham participação importante na construção do *modus vivendi* dessas famílias e das reações psicossociais de cada membro familiar, em especial as mães. Foi uma compreensão importante que foi determinante na definição do objeto de investigação relatada na minha dissertação de Mestrado (OMOTE, 1980).

Sou particularmente grato àquela mãe que me abriu todo esse horizonte para o qual a disciplina de Psicologia do Excepcional, que tive na graduação, não me havia revelado. E penitencio-me por ter tentado retirar daquela mãe algo que parecia ser a maior razão para se sentir uma “boa mãe”, apesar de ter dado à luz uma criança com grave deficiência mental. O menino dependia da mãe para as coisas mais simples e rotineiras da sua vida diária, como ir ao banheiro para cuidar da sua necessidade e higiene pessoal, alimentar-se, vestir-se, não se envolver em situações de risco etc., e a minha proposta era a de torná-lo independente...

Ao iniciar as entrevistas com mães de deficientes mentais, naquela e em outras três instituições congêneres, fui percebendo aos poucos uma estreita ligação entre o universo psicossocial delas e o discurso predominante na sociedade de então a respeito de deficiência mental. Muitas dessas mães haviam incorporado representações sociais a respeito da deficiência

⁷ Compreendi, mais tarde, que, na realidade, o drama vivenciado pelas famílias de crianças e jovens com deficiência mental não era algo exclusivo e particular delas. Famílias de crianças com outras condições fortemente estigmatizadas vivenciavam drama semelhante.

mental e do papel de mães de deficientes mentais. Nas entrevistas, essas representações estavam frequentemente presentes. Tal compreensão direcionou-me o olhar mais amplo para o entorno dessas famílias.

Assim, antes mesmo de defender a dissertação de Mestrado, tinha em mente estudar esse entorno social. Comecei a estudar mais profundamente textos sobre as representações sociais, pelas quais já havia me interessado nos tempos da graduação. O meu interesse aos poucos foi se definindo em relação a um conhecimento mais elementar, os estereótipos sociais, o que acabou por determinar a minha pesquisa para o Doutorado (OMOTE, 1984).

Novamente, descobri um filão muito rico, que me permitiu compreender melhor o processo de construção de conhecimento do senso comum, que não raras vezes pode contagiar o conhecimento científico, no qual se pautam os profissionais da área. Na medida em que me ocupei por alguns anos investigando a construção de estereótipos a respeito de pessoas com deficiência, fui percebendo que certas crenças a respeito delas eram moldadas a partir de relações muito tênues que não sobreviveriam a uma observação rigorosa, principalmente por meio de supergeneralizações de fatos isolados e conexões inconsistentes.

A compreensão do mecanismo de construção de estereótipos sociais fez-me lembrar de alguns curiosos e aparentemente incompreensíveis comentários que em algumas situações já havia observado. Quando uma pessoa leiga no assunto tomava conhecimento de que uma determinada criança era deficiente, algumas vezes ouvia comentários como “que judiação, tão bonitinha...”. Ficava um tanto intrigado com observações dessa natureza, mas não havia inicialmente dado a necessária importância. Mas comecei a pensar: se essa pessoa continuasse a sua fala, as palavras pronunciadas na sequência talvez fossem “... se ao menos fosse feinha”. A frase completa poderia ser “que judiação, tão bonitinha; se ao menos fosse feinha”. Intuitivamente, fazia muito sentido. Na área da percepção de pessoas, acabei encontrando um rico material sobre os efeitos de diferentes características corporais de uma pessoa sobre a percepção (ou seria atribuição?) de outras qualidades dela.

Em função da observação como aquela apontada no parágrafo anterior, interessei-me particularmente pela percepção da relação entre as características faciais de uma pessoa e outras qualidades dela. Assim é que, por 11 anos, estudei as questões relacionadas à atratividade física facial e seus efeitos sobre a percepção e julgamento a respeito de outras qualidades da pessoa. Parte desses estudos foi relatada na minha tese de Livre-docência, incluindo, além dos estudos metodológicos iniciais, os efeitos da atratividade física facial sobre a percepção de deficiência e sobre o prognóstico de um tratamento especializado (OMOTE, 1992).

Confirmando a suspeita inicial, as deficiências mental, auditiva e física⁸ foram associadas, na percepção dos participantes da pesquisa, mais frequentemente a faces de meninos e meninas com baixa atratividade física facial. Ao mesmo tempo, a normalidade foi mais frequentemente associada a faces com alta atratividade física facial. Apesar dessa associação e dos comentários perplexos mencionados parágrafos atrás, fato é que, na realidade, se encontram crianças bonitas que são deficientes. Esse desencontro cria um estado psicológico desconfortável, conhecido por dissonância cognitiva, que requer uma solução (FESTINGER, 1957). Uma possibilidade de solução dessa dissonância cognitiva é a criação de uma terceira cognição capaz de conciliar as duas anteriores, avaliadas como incongruentes.

Assim, outro experimento foi realizado e relatado na tese de Livre-docência. Diante de três fotografias de meninos ou meninas, variando em grau de atratividade física facial, os participantes da pesquisa foram informados de que as três crianças tinham dificuldades decorrentes de certo grau de perda auditiva e eram submetidas à terapia fonoaudiológica. A tarefa dos participantes consistia em indicar qual das três crianças teria o melhor prognóstico. Como era esperado, a criança com a mais alta atratividade física facial foi a mais frequentemente apontada como sendo a que teria melhor prognóstico. A admissão dessa terceira cognição resolve o desconforto ocasionado pelo estado de dissonância cognitiva, na medida em que se admite que, se uma criança for deficiente, mesmo sendo bonita, ao menos ela terá melhor aproveitamento do tratamento especializado. Essas relações, aparentemente sem sentido, têm a sua funcionalidade, quando se observa o complexo ser humano biopsicossocial. Essa questão é tratada com certo detalhe no epílogo do livro *Aparência e Competência: uma relação a ser considerada na Educação Especial* (OMOTE, 2014).

Essa caminhada um tanto aventureira, motivada por inquietações de natureza intelectual profundamente enraizadas na minha história de vida, esteve associada à questão da formação do profissional da área de Educação Especial, em especial os professores especializados no ensino de deficientes. Contratado pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), campus de Marília, em 1978, quando a universidade estava iniciando a formação de professores especializados no ensino de estudantes com deficiência, na forma de Habilitação do Curso de Pedagogia, tive o privilégio de ministrar aulas da primeira à última turma, formada em 2010, quando, mediante uma reforma dos cursos de Pedagogia, as habilitações foram extintas.⁹

8 A deficiência visual não foi incluída, pois os participantes da pesquisa certamente iriam procurar na face, mais especificamente nos olhos, os indicadores da cegueira.

9 Entendo que foi uma medida profundamente equivocada, encerrando a formação especializada na Habilitação em Educação Especial, com a duração de três semestres, com cerca de 300 horas de estágio supervisionado. Com a

O profundo e duradouro envolvimento com a formação docente para o ensino de estudantes com deficiência, juntamente à sucessão de temas aparentemente diferentes que orientavam os meus estudos permitiram-me aprofundar progressivamente as minhas reflexões sobre a origem, a construção e o lugar das deficiências na nossa sociedade. Nos últimos 48 anos, a minha atuação profissional e intelectual esteve fortemente orientada pelas questões relacionadas às deficiências, as quais se estenderam ao contexto mais amplo das diferenças e da diversidade, buscando compreender a sua significação social, o seu lugar e o seu papel na sociedade.

A Declaração de Salamanca criou oportunidade para ampliar um pouco mais as minhas fronteiras das aventuras intelectuais, conduzindo-me ao estudo das atitudes sociais, particularmente em relação à inclusão. Na verdade, o que me desafiou a me embrenhar nas questões atitudinais não foi exatamente a Declaração de Salamanca, mas a reação dos profissionais, sobretudo da Educação, no clima já relativamente aquecido acerca da cidadania das minorias até então marginalizadas.

A mudança da perspectiva de integração para a da inclusão¹⁰ envolveu profundamente os profissionais, sobretudo os da área da Educação, muitos dos quais, com grande entusiasmo, defendiam a sua convicção de que a inclusão seria a grande solução para o problema que o modelo integracionista teria trazido à tona. Na defesa entusiasmada e até um tanto dogmática da inclusão, começou a aparecer com frequência, eventualmente ocupando até posição de destaque, um importante elo até então um tanto negligenciado: a audiência. De todo o complexo fenômeno da deficiência, um ingrediente fundamental no processo de caracterização de uma condição – médica, psicossocial, socioeconômica, etnocultural – como uma deficiência é a audiência. É a reação dos outros que, em última instância, caracteriza a posse de uma incapacidade ou determinadas dificuldades e limitações como uma deficiência, que deve ser nomeada, reconhecida e tratada distintivamente.

O foco de atenção passou a recair também sobre o entorno das pessoas identificadas como deficientes. Se o entorno constitui a audiência perante a qual determinadas pessoas são deficientes, naturalmente ela precisa ser convenientemente assessorada e modificada para a gestão das

extinção dessa formação docente, a alternativa passou a ser a formação em cursos de especialização, pós-graduação *lato sensu*, que, com raras exceções, estão longe de capacitar efetivamente o professor nas questões relacionadas ao ensino de estudantes com diferentes deficiências, incluindo aí os recursos didático-metodológicos adequados. Penso ter tal reforma sido inspirada por um entendimento um tanto equivocado da Educação Inclusiva.

¹⁰ Talvez alguns leitores sintam certo incômodo por insistir em usar, pela segunda vez neste texto, a palavra “perspectiva”, em vez de “paradigma”, esta mais em consonância do que aquela com o entendimento comumente associado a essa temática. Deixo aqui uma interrogação em vez da justificativa.

deficiências.¹¹ Fortaleceu-se a ideia de que a exclusão de pessoas com deficiência ocorre devido a barreiras de diferentes naturezas que elas encontram no seu ambiente. Daí, uma medida para criar condições favoráveis à inclusão seria a remoção dessas barreiras. Uma dessas barreiras, um tanto vagamente referida, mas com presença constante nos discursos, eram as atitudes das pessoas.¹²

As atitudes sociais negativas, desfavoráveis ou inadequadas passaram a ser referidas com certa frequência nos debates sobre a inclusão. Entretanto, a presença desse assunto nessas discussões era baseada em observações anedóticas ou opiniões pessoais. Daí porque, em 2000, o grupo de pesquisa Diferença, Desvio e Estigma, do qual sou líder, iniciou um trabalho de construção de uma escala de mensuração de atitudes sociais em relação à inclusão. Após alguns estudos, inclusive da sua validação e padronização, foi concluída e disponibilizada a Escala Likert de Atitudes Sociais em relação à Inclusão (Elasi), com duas formas equivalentes (OMOTE, 2005). A Elasi passou a ser amplamente utilizada por pesquisadores de diferentes partes do país, confirmando a previsão que o grupo de pesquisa fizera, na ocasião, de que a disponibilização de um instrumento de mensuração confiável contribuiria para o fortalecimento da pesquisa nessa área.

Nas últimas duas décadas, a minha principal atuação acadêmica está centrada nas questões relacionadas a atitudes sociais, principalmente na forma de orientação de pesquisas sobre atitudes sociais de professores e estudantes em relação à inclusão, da Educação Infantil ao Ensino Superior. Juntamente ao tema das atitudes sociais, alguns dos meus orientandos têm se dedicado a estudar as concepções de professores e estudantes sobre as deficiências, Educação Especial e Educação Inclusiva. Dois dos orientandos investigaram outro fenômeno de ampla abrangência social, relativo à construção de conhecimento por parte de pessoas comuns: as representações sociais acerca das deficiências.

Outra peculiaridade dessa já longa caminhada que merece algum destaque diz respeito às preocupações com questões metodológicas. Nos meus estudos iniciais, identifico alguns pequenos arranjos metodológicos, em busca de uma maior confiabilidade dos dados coletados. Mas verifico que essa tendência está mais fortemente presente nas pesquisas orientadas em nível de mestrado, doutorado e pós-doutorado, provavelmente em função do foco na formação de pesquisador. Um dos futuros volumes será dedicado a essa questão.

11 Entendo que até mesmo as sucessivas propostas de mudança na nomenclatura com referência a pessoas com deficiência fazem parte desse processo.

12 A locução "atitudes sociais" seria mais adequada, como geralmente esse fenômeno é designado nos manuais de Psicologia Social.

Estão aí, enfim, graças ao interesse e empenho do Professor Leonardo, disponíveis alguns dos textos, cujo acesso hoje fica um tanto limitado por uma série de mudanças ocorridas nas últimas décadas nos procedimentos e critérios de busca de informações científicas acerca do assunto sob investigação, a título de fundamentação teórica. Alguns desses textos sequer chegaram a ser publicados, embora tivessem sido redigidos sob encomenda ou sido submetidos a algum periódico. As concebíveis especulações sobre as eventuais razões da não publicação desses textos podem ser um exercício provocativo em busca da compreensão dos critérios de atualidade de um texto, hoje fortemente vinculados à sua cronologia.

Sadao Omote

Referências

FESTINGER, L. *A Theory of Cognitive Dissonance*. Evanston: Row Peterson, 1957.

GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975. Texto original de 1963.

KANNER, L. Parent Counseling. In: ROTHSTEIN, J. H. (ed.). *Mental Retardation: readings and resources*. Nova York: Holt, Rinehart and Winston, 1961. p. 453-461. Originalmente publicado em *Children Limited*, abr. 1956.

OMOTE, S. A construção de uma escala de atitudes sociais em relação à inclusão: notas preliminares. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, v. 11, n. 1, p. 33-47, 2005.

OMOTE, S. *Aparência e Competência: uma relação a ser considerada na Educação Especial*. Curitiba: Appris, 2014.

OMOTE, S. *Atratividade Física Facial: percepção e efeitos sobre julgamentos*. Tese (Livre-docência em Educação Especial) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 1992.

OMOTE, S. *Estereótipos de Estudantes Universitários em relação a Diferentes Categorias de Pessoas Deficientes*. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1984.

OMOTE, S. *Reações de Mães de Deficientes Mentais ao Reconhecimento da Condição dos Filhos Afetados: um estudo psicológico*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1980.

Prefácio

“A deficiência como fenômeno socialmente construído”. Foi logo após essa frase que vi, pela primeira vez, o nome do professor Sadao Omote associado a um texto (OMOTE, 1980). Era década de 1980, e, inteirando-me do mundo da Educação Especial, como professora recém-contratada em uma instituição especializada de educação e reabilitação para crianças com deficiências múltiplas, ouvira falar algumas vezes do Omote da Unesp de Marília...

Foi assim meu primeiro contato com um professor que hoje se vê “privilegiado por ter vivido as inquietações, as incertezas e a energia da adolescência e da juventude na década de 1960” (OMOTE, 2020, p. 2). Para ele, esse período (décadas de 1960 e 1970) foi prenhe de “mudanças espetaculares [...], especialmente em termos sociais, com a construção de novos modos de pensar e de agir” (OMOTE, 2020, p. 2), e essas experiências e leituras (do mundo e da academia) lhe possibilitaram duvidar de visões hegemônicas sobre a deficiência.

A saber, naquela época, o conhecimento sobre a deficiência ainda era hegemonicamente atravessado pelo viés da determinação biológica. Embora já existissem obras que considerassem os aspectos “psicodinâmicos da deficiência” (KRYNSKI *et al.*, 1969) e a fundamental importância dos processos educativos e sociais para o desenvolvimento do “indivíduo excepcional”, termo ainda utilizado em alguns livros da época, como o de Telford e Sawrey (1984), o interesse geral dos jovens que adentravam essa área de pesquisa recaía sobre as causas da deficiência, seu diagnóstico e seus fatores pré, pós e perinatais (anoxia e suas sequelas neurológicas; erros inatos de metabolismo etc.).

Naquele tempo, apesar de ter contato com vasta literatura crítica sobre os processos de discriminação (GOFFMAN, 1974, 1980), medicalização (COLLARES; MOYSES, 1982) e controle social (FOUCAULT, 1977) na Unicamp, instituição em que me formei em Pedagogia em 1983, não tínhamos disciplinas específicas de Educação Especial ou estudos sobre os (possíveis) significados da deficiência. Nesse contexto, encontrar o artigo datilografado de autoria do professor Omote foi uma agradável surpresa e, ao mesmo tempo, algo que me parecia instigante (e talvez “improvável”): como um fenômeno que possui causas orgânicas tão visíveis e observáveis (infecções, falta de oxigenação, alterações genéticas etc.) poderia ser “socialmente construído”? Não seriam essas as causas determinantes da deficiência?

Embora tenha continuado meus estudos considerando as causas orgânicas/biológicas, aqueles escritos datilografados, sobre a relação entre a percepção/constituição da deficiência e a organização social, nunca me abandonaram; contrariamente, possibilitaram-me a buscar identificações com referências que, aparentemente, não se “conversavam”, mas que, de fato, nos levavam a perceber o mundo e os fenômenos sob outras perspectivas. As fontes a que me refiro são clássicos, como Goffman (1974, 1980), que também fizeram parte da história do professor e que lhe “mostraram a importância da leitura criteriosa da realidade socialmente construída, a qual não guarda necessariamente uma relação isomórfica com a realidade físico-química e biológica” (OMOTE, 2010, p. 333).

Essas leituras possibilitaram que o professor adentrasse “um vasto mundo repleto de simbolismos e ambivalências, para além daquilo que acreditava fosse a própria deficiência: as patologias incapacitantes e suas consequências sobre os portadores” (OMOTE, 2010, p. 333). Seria essa uma percepção sobre as ambivalências do ser humano? Da “armadilha dramática” (SOUZA ANDRADE, 2015, n. p.) que nos apanha? Afinal, o olhar do professor não se deixa enganar pela aparência simplificadora do fenômeno, pois

não se trata de uma reunião somatória de fatores biológicos e os sociais para a composição do fenômeno a que nos referimos por deficiência. Compõem o todo indissociável. Olhar para o biológico ou o social é uma questão apenas de perspectiva. É possível fazer essa opção, mas, ao fazê-lo, não pode ter acesso ao fenômeno das deficiências (OMOTE, 2010, p. 335).

O excerto acima refere-se ao amadurecimento de uma perspectiva, já registrada em sua produção na década de 1970, sobre “dois conjuntos solidariamente interdependentes de determinantes do quadro comportamental de deficiências”, aos quais o professor se referiu, naquele momento, como “condições médicas incapacitadoras e condições sociais incapacitadoras” (OMOTE, 1979 *apud* OMOTE, 2020, p. 7).

Segundo o professor, ali já se encontrava uma

breve formalização de um pensamento que hoje não gera dúvida nenhuma, o de que o quadro comportamental apresentado por uma pessoa com deficiência é resultado do efeito conjunto e interativo de determinantes constitucionais e sociais (OMOTE, 2020, p. 8).

Implicações sobre o conceito de deficiência vêm à tona na obra do professor e em suas jornadas como formador de novos professores e pesquisadores. Dentre as implicações, ressalta-se a percepção de que, se de um lado a existência de patologias específicas implicam consequências

particulares sobre a pessoa, por outro lado, “nem todas as diferenças e dificuldades apresentadas por pessoas com deficiência são decorrências dessas patologias, mas também do lugar social reservado a elas e do papel social que lhes é prescrito, como membros de grupos minoritários” (OMOTE, 2020, p. 7). Como exemplo, Omote bem lembra que

O foco na especificidade de cada deficiência, como no passado, pode levar o estudioso a atribuir, a uma condição específica, problemas decorrentes de determinantes sociais relativamente comuns a grupos minoritários em geral (OMOTE, 2020, p. 9).

E, aqui, completaria: comuns à população geral, muitas vezes!

Como registram Vieira e Cabral, no último capítulo deste volume, intitulado *Encontros com Sadao e a potente poética das singelas relações*, “as posturas e os caminhos não convencionais do professor Sadao, não apenas na esfera da academia, mas de suas relações interpessoais, despertaram o interesse de outras existências” (VIEIRA; CABRAL, 2023, p. 144). Essas existências fazem-se explícitas no envolvimento do professor com a formação de muitos outros pesquisadores/professores, que passaram a compartilhar um olhar mais abrangente sobre a deficiência e a percepção da importância de que essa posição se faça presente nas pesquisas e nas propostas de educação das pessoas com deficiência.

Além de sua influência sobre a produção de muitos pesquisadores, a contribuição de Omote não ficou circunscrita à academia, mas a transcendeu e continua a chegar às escolas, dentre outras ações, pela passagem de turmas e turmas de estudantes na Unesp-Marília e em outras universidades, possibilitando que o professor tenha uma visão mais abrangente sobre o fenômeno da deficiência. Como afirma o professor Omote,

Os profissionais de Educação Especial não mais são formados para áreas específicas de deficiência. O estudante com qualquer tipo de necessidades educacionais especiais pode ser inserido em uma classe de ensino comum (OMOTE, 2020, p. 8).

Esse complexo olhar possibilita considerar, por exemplo, a Educação Especial como concepção/ação pedagógica que pode ser efetivamente eliminatória, por um lado, mas esse rosto que se mostra cotidianamente nas escolas “não esgota totalmente sua existência. Esconde e revela o local de lutas, onde a contradição e o fazer-pensando (a quebra do esperado) existem, mesmo de forma diluída e às vezes imperceptível” (KASSAR, 1993, n. p.).

De certa forma, os textos trazidos por este volume evidenciam as diferentes faces da Educação Especial, as lutas, as tentativas, os projetos, os contrassensos, as inovações e os limites de uma área em construção, da qual o professor aparece como artesão sempre presente e disposto ao diálogo.

Hoje, ao olhar para as propostas de educação inclusiva, o professor continua nos provocando com suas indagações. Em artigo de 2020, Omote retoma produções anteriores (OMOTE, 1995, 1999, 2000, 2012) para nos desafiar com a afirmação “nenhum recurso é inerentemente segregativo. É o seu uso que pode promover a segregação, ou a integração/inclusão” (OMOTE, 2020, p. 9), e continua reafirmando seu ponto de vista:

O atendimento em separado, temporal e espacialmente, não significa necessariamente segregação, a qual parece constituir-se ainda em uma espécie de fantasma a assombrar o atendimento a pessoas com deficiência (OMOTE, 2020, p. 9).

À primeira vista, essas afirmações transbordam “atrevimento”, em um contexto em que se defende que todos têm direito à educação/escolaridade em classes comuns de escolas regulares, mas também nos faz lembrar de que, “para a construção da Educação Inclusiva, os recursos da Educação Especial são necessários” (OMOTE, 2020, p. 10).

Como forma de finalizar este prefácio, retomo mais uma vez o texto de Vieira e Cabral (2023), quando logo em sua introdução anunciam:

“Educação Especial: o encontro com Godot”. Foi esse o título sugerido pelo professor Sadao Omote para o Volume 9, sem nos dar muitos detalhes sobre o porquê dessa relação entre uma área de conhecimento, a sua vida e a peça de teatro do dramaturgo e escritor irlandês Samuel Barclay Beckett, “Esperando Godot” (VIEIRA; CABRAL, 2023, p. 143).

Quais seriam os motivos do professor Sadao para essa escolha?

Ao caminhar pelos diferentes capítulos deste volume, vemos textos que registram histórias coletivas e particulares, sobre as quais o professor lança seu olhar, ao mesmo tempo analítico e prospectivo, a respeito de experiências pedagógicas, projetos e percursos. Na obra de Beckett (2015), os personagens passam pelos percalços do mundo (deixando-se ficar) e oscilam entre esperança e desespero, enquanto esperam Godot (MEYER, 1986). Beckett (2015), de certa forma, evidencia uma tensa, contraditória e angustiante relação (esperança/descrença), que pode traduzir a existência humana. Estaria esta relação também presente em nosso envolvimento com esse complexo campo do conhecimento, nos embates entre Educação Geral/Educação Especial, biologia/sociedade, patologia/normalidade?

As personagens centrais de Beckett (2015) “deixam-se ficar” nessa espera (por Godot), entre a esperança e a desesperança/descrença/desespero. O material aqui compilado do nosso professor evidencia passagens por momentos de apostas/engajamento/proposições e precaução/atenção/dúvidas. Nesse percurso, de modo peculiar, ele se “deixa ficar” (persiste) como

mestre/artífice/protagonista, mas não se “deixa ficar” (não desiste) como um mero espectador frente ao mundo.

Entendo que este volume nos convida ao comprometimento com a construção coletiva da Educação Especial como área de estudo e de produção acadêmica. Esse convite vem com uma “convocação” para que, tal como o professor, tenhamos olhares voltados ao mesmo tempo à história e às novas perspectivas, para que nesse movimento não nos “deixemos ficar” como espectadores, mas atuemos, adotando uma “leitura criteriosa da realidade socialmente construída” (OMOTE, 2010, p. 333), como (co) construtores dessa edificação coletiva.

Mônica de Carvalho Magalhães Kassar

Referências

- BECKETT, S. *Esperando Godot*. Tradução e prefácio de Fábio de Souza Andrade. São Paulo: Cosac Naify, 2015.
- COLLARES, C. L.; MOYSES, M. A. A. Desnutrição e fracasso escolar: uma relação tão simples? *Revista da ANDE*, n. 5, p. 56-62, 1982.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1977.
- GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.
- GOFFMAN, E. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- KASSAR, M. C. M. *A deficiência mental na voz dos professores*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 1993.
- KRYNSKI, S. et al. *Deficiência mental*. Rio de Janeiro: Livraria Atheneu, 1969.
- MEYER, L. La democracia política: esperando a Godot. *Nexos*, v. 9, n. 100, p. 39-46, abr. 1986.
- OMOTE, S. *A deficiência como fenômeno socialmente construído*. 1980. Mimeografado.
- OMOTE, S. A integração do deficiente: um pseudo-problema científico. *Temas em Psicologia*, n. 2, p. 55-62, 1995.
- OMOTE, S. Caminhando com DIBS: uma trajetória de construção de conceitos em educação especial. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, v. 16, n. 3, p. 331-342, set./dez. 2010.

OMOTE, S. Classes especiais: comentários à margem do texto de Torezan e Caiado. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 6, n. 1, p. 43-64, 2000.

OMOTE, S. Inclusão escolar e social: a ética entre o estigma e a inclusão. In: MARTINS, L. A. R.; PIRES, G. N. L.; PIRES, J. (org.). *Inclusão Escolar e Social: novos contextos, novos aportes*. Natal: Editora da UFRN, 2012. p. 39-54.

OMOTE, S. Normalização, integração, inclusão... *Ponto de Vista*, v. 1, n. 1, p. 4-13, 1999.

OMOTE, S. Quatro décadas de Educação Especial no Estado de São Paulo. *Revista Educação Especial*, Santa Maria, v. 33, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/53133/pdf>. Acesso em: 17 maio 2023.

SOUZA ANDRADE, F. de. Prefácio. In: BECKETT, S. *Esperando Godot*. Tradução e prefácio de Fábio de Souza Andrade. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

TELFORD, C. W.; SAWREY, J. M. *O indivíduo excepcional*. 5. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.

VIEIRA, C. M.; CABRAL, L. S. A. Encontros com Sadao e a potente poética das singelas relações. In: OMOTE, S.; CABRAL, L. S. A. *Educação Especial: o encontro com Godot*. São Carlos: Edesp, 2023.

